

Para Simonsen, questão simples

O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, classificou ontem a renegociação da dívida externa como um dos problemas mais simples da economia brasileira. Para resolver a questão externa, basta apenas vontade política. "Podemos ter ojeriza do Fundo Monetário Internacional (FMI), mas precisamos saber exatamente quanto custa esse capricho."

Pelos cálculos que o ex-ministro fez ao participar como conferencista de almoço promovido pela Associação das Empresas de Investimentos, Crédito e Financiamento (Acrefi), o ódio ao FMI está custando ao Brasil cerca de US\$ 5 bilhões este ano. "Por essa atitude irresponsável, estamos pagando hoje o mais alto **spread** entre todos os países endividados que não romperam com os credores. Só pelo excedente de juros, o Brasil gastará, este ano, cerca de US\$ 1,5 bilhão."

Além de pagar juros altos, a insistência em não fazer um acordo com o FMI está provocando ainda o desembolso, este ano, de US\$ 3,5 bilhões de créditos baratos que podiam ser rolados e que estão sendo pagos ao próprio FMI, ao Banco Mundial, ao Clube de Paris e a outros organismos oficiais. Simonsen criticou, também, o projeto de conversão de dívida em investimento, por considerá-lo pouco atraente. "Seria melhor um projeto mais simples e, se houvesse excesso de pedidos de conversão, se faria fila", comentou.

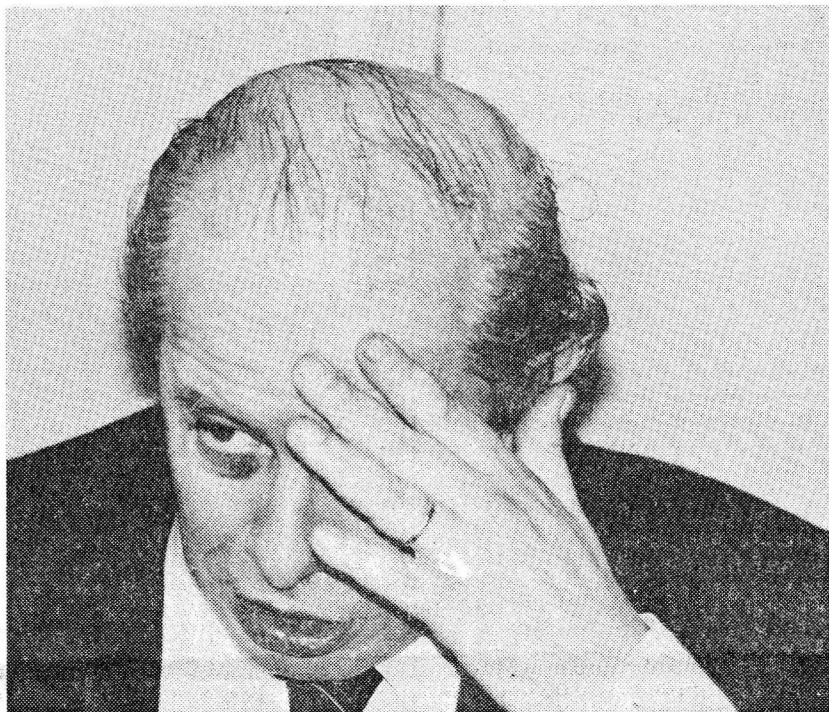
CONSTITUIÇÃO XIITA

Se a dívida é um problema simples, a total indefinição política e econômica do País não encoraja os

investimentos do capital privado externo e interno. Como o governo também não tem condições de investir pelo excesso do déficit público, o Brasil poderá ter problemas de crescimento no futuro.

Simonsen, que prevê para os países industrializados uma taxa de crescimento zero no próximo ano, disse que, para o Brasil, é impossível estabelecer projeções. Qualquer previsão, segundo ele, dependerá do que for estabelecido pela Constituinte. O pior cenário seria "uma Constituição xiita, como esse projeto aprovado pela Comissão de Sistematização".

Mas o ex-ministro confia na possibilidade de mudanças defendidas pela corrente política denominada "Centraão". Os dois principais desvios do projeto "xiita", segundo o ministro, é colocar o Brasil fora da rota do capital estrangeiro e introduzir a estabilidade no emprego que, segundo ele, protege quem está empregado e agrava a situação de quem está desempregado. "Nem nos países de crescimento demográfico negativo a lei de estabilidade funciona bem. Para o Brasil, que precisa gerar 1,5 a 2 milhões de empregos novos por ano, isso é um desastre", afirmou.



Ojeriza ao FMI é um capricho, afirma Simonsen

André Doueki